

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 165	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	\$120		
Posseções ultramarinas, (idem).....	4\$200	2\$100	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		

## CHRONICA OCCIDENTAL

A morte acaba de roubar a Portugal uma das suas sumidades medicas: o dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga falleceu no dia 14 do corrente ás 3 horas da tarde na sua casa da rua Larga de S. Roque.

Teve o bom senso, o illustre medico, de prohibir expressamente no seu testamento os discursos á beira da cova: seria irreverencia da nossa parte para com a memoria d'elle, fazer-lhe um necrologio.

E custa-nos pouquissimo o respeito d'essa intelligente determinação, porque o genero de litteratura funebre nunca foi a nossa especialidade.

Revoltámo-nos sempre contra os gatos pingados litterarios, que fazem das suas pennas tochas funerarias para acompanhar ao cemiterio todos os que transpõem o limiar da eternidade, e que têm sempre á mão pázadas de rhetorica, para atirarem juntamente com a cal, sobre todos os cadaveres que baixam á cova.

As phrases sentidas, encharcadas de lagrimas, estão sempre promptas e frescas, penduradas no armazem de estylo de todo o litterato de pompas funebres, como as corôas de perpetuas e de vidrilhos estão feitas, penduradas e limpas cuidadosamente da poeira, nas lojas das recordações saudosas, das perpetuas lembranças e das saudades eternas.

E estão methodicamente arrumadas, empacotadas escrupulosamente, com os seus respectivos rotulos: quando ha enterro, segundo a idade, a profissão e a importancia do morto, vai-se ao armario, tira-se o pacote d'ocasião, um fornecimento mais ou menos completo, de lagrimas de sangue, de commoções que embargam a voz, de terriveis parcas, de malogrados mancebos, de mortos que começam a viver para a historia, de robles que caem, de mimosas violetas que murcham ao sopro gelido da morte, etc., etc., etc., leva-se tudo isso para o cemiterio ou para o noticiario, prepara-se com um pedaço de estremecimento na voz, ou de estremecimento na grammatica, serve-se quente ou frio aos ouvintes ou aos leitores.

Finda a cerimonia, trazem-se para a loja as phrases sentidas, juntamente com o panno do caixão, escovam-se muito bem ambas as coisas, e guardam-se para a outra vez. E são assim immortaes essas sensaborias para mortos.

Ser-nos-ia, portanto, facil, apesar de não cultivarmos esse ramo de commercio, confeccionar aqui, d'um momento para o outro, um pequenino elogio funebre, ao pobre dr. Alvarenga, que hoje espera no cemiterio dos Prazeres o momento de ser incinerado; mas conhecemol-o muito em vida, lidámos com elle, devemos ao medico finezas, que não esquecem, e não seria necessario, que elle se precavesse em vida contra a eloquencia e a litteratura funebres, para

que nós o poupassemos e nos poupassemos a ellas, economia que, aliás em boa hora o digamos, tem sido sempre a norma da nossa vida litteraria.

Era um excentrico esse sabio doutor Alvarenga, excentrico na vida e excentrico na morte, e, ao lermos o seu testamento, estavamos ainda a vê-lo, com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos, com o seu bom coração caridoso, e o seu enorme orgulho de homem que se fez, com o seu talento brilhante e a sua pose de dandy, com a intenção de ser util a todos e a preocupação de dar que fallar de si.

Toda a gente que conhecia o dr. Alvarenga de nome antes de o conhecer de pessoa, quando o via tinha uma decepção enorme.

Ninguém poderia suspeitar quando o dr. Alvarenga atravessava o Chiado, pequenino, magro, com as suas suissas á benoiton, o seu cabello preto, muito empastado, puchado cuidadosamente sobre a orelha, a barba escrupulosamente escanhoadada, alvejando pó d'arroz, que mais negros fazia os grandes vidros da sua luneta fumada, vestido com o requinte por vezes ridiculo do casquilho, com uns chapelinhos pequenos, microscopicos, de *petit-crève*, andando nos bicos de pés, n'um andar cadenciado, dançado, que parecia artificial, cheio de pose, deixando atraz de si um rasto de perfume, como uma mundana alambicada, ninguém suspeitava, repetimos, que ia ali um homem de sciencia profundo, um investigador infatigavel dos segredos mais rebeldes da natureza humana, um erudito, um estudioso, que perdia noites e noites a procurar nos livros a decifração dos mysterios dolorosos que de manhã auscultava nos hospitaes.

E não havia festa a que elle faltasse; desde que S. Carlos se abria elle lá estava na sua cadeira, todas as noites, e em havendo *premieres* notaveis elle duplicava-se, apparecia em toda a parte, era infallivel em todos os bailes, dançava e conversava muito, em futilidades, em ninharias, gastava horas e horas em *cavacos* triviaes, em que discutia meritos de cantoras, vidas de bailarinas, elegancias de mulheres e *toilettes* de senhoras.

E nem uma palavra apenas trahia o erudito, nem um termo o medico, nem uma phrase o homem de sciencia. Mas



O GENERAL CONDE DE TORRES NOVAS — Fallecido em 23 de Junho de 1883

(Segundo uma photographia de Fritz)

tirassem de repente o dr. Alvarenga d'ali, da sala, do grupo de senhoras alegres, e de rapazes futeis, e levassem-n'o ao quarto d'um enfermo, a uma conferencia de medicos.

O homem transformava-se completamente; parecia uma mutação phantastica á vista: aquelle que momentos antes parecia um *badaud* de cerebro vasio, não era agora um homem a fallar, era a sciencia, a sciencia profunda, infallivel e implacavel como um Deus. Ha pedaço elle discutia rindo a duração d'uma vida, agora predizia fatal a duração d'uma vida: ha pedaço contava quantos namoros tinha uma bailarina, agora contava quantas pulsações teria ainda um coração; ha pedaço a sua curiosidade feminina mettia-se nos *cancans* mundanos e tirava de lá anedoctas que matavam a rir: agora a sua sciencia de medico penetrava n'um corpo enfermo, e ia de lá tirar a doença, que matava a gemer.

E elle que era tão delicado, tão homem de sala, quando se conversavam futilidades; era agora intransigente, terrivel brutal até, quando se tratava d'uma vida, e quando a sciencia que lhe dava o seu estudo de ferro, e o seu tacto especial de medico, via mais que a dos seus collegas, elle espesinhava com a consciencia do seu saber, com a certeza do seu diagnostico, com a segurança da sua observação, todas as attentões futeis das conveniencias sociaes, que cá fóra se chamam cerimonia, e ali se chamariam crime, e pugnava pela sua opinião, como um luctador energico, audaz, sustentava-a sempre, apesar de tudo, contra todos com uma energia, uma tenacidade, uma rudeza despedaçadora, que em qualquer parte seria uma grosseria, mas ali era uma heroicidade.

E o dr. Alvarenga tinha essa qualidade enorme, gigante, colossal, que é a sua maior gloria — a confiança illimitada na sciencia, e a consciencia inteira, lucida, desassombrosa, vigorosa, superior a todas as cousas, dos seus deveres de clinico, e das suas opiniões de medico.

Esta dupla individualidade, totalmente opposta, do homem de sociedade e do homem de sciencia, constituia uma das qualidades mais caracteristicas originaes e excentricas do dr. Alvarenga, e reflecte-se a cada phrase no seu testamento, cheio de cousas insignificantes e grandiosas, de futilidades de *poseur* e de rasgos de benemerito.

Essa consciencia e essa sciencia de medico deram-lhe muitos dissabores, — coitado! Aquella valeu-lhe muitas inimidades de todos aquelles a quem a sua rude franqueza feria: esta valeu-lhe a maior das torturas humanas, torturas esquecidas por Victor Hugo, no seu *Condennado á morte*.

Porque, por uma coincidência tragica a doença de que morreu o medico illustre foi aquella, que elle toda a sua vida estudára, a lesão do coração; essa enfermidade medonha, que depois de ter sido a sua gloria, foi a sua morte.

E elle conhecia essa doença mais do que ninguem e mais do que todas: todas as suas torturas horriveis, eram para elle centuplicadas, porque antes de as sentir, adivinhava-as, via-as vir ao longe, conhecia-lhes o itinerario terrivel, doloroso e implacavel, assistia a todo o momento á sua agonia de logo, á sua morte de amanhã, com a sua sciencia adquirida nos livros sobre que perdera tantas noites, na experiencia em que gastára toda a sua mocidade; no seu espirito lucido até ao ultimo momento, a sua memoria preenche de factos, desenhava-lhe em toda a sua minuciosidade dilacerante e sinistra o cortejo de horrores que esphacelam o coração enfermo até elle bater a sua derradeira pancada!

E ahí tem para que um homem passa a vida a estudar! Que feliz que não é ao pé d'esse sabio que se vê morrer durante longos e longos mezes, o ignorante, o analphabeto, que tem a morte diante dos olhos, e que a não vê senão quando elles se vão a fechar!

Como a maior parte dos homens superiores, de todos aquelles que se distinguem do vulgo, o dr. Alvarenga era cheio de feitiços, como trivialmente se diz!

Não havia ninguem no mundo mais facil de se melindrar do que elle, como tambem não havia ninguem mais facil de perdoar as grandes offensas.

Era intolerante, intransigente em certas cousas, exquisito, brusco muitas vezes. Sem se saber porque o dr. Alvarenga, despedia-se um bello dia sem mais nem mais d'um doente: sem se saber porque, tambem, tinha ás vezes umas dedicacões realmente extraordinarias.

E n'esses momentos, o medico, que d'outras vezes tão orgulhoso e altivo era, tomava com uma bonhomia rara o papel de enfermeiro, receitava os remedios e applicava-os, e com tal arte, com tal sciencia, com tal caridade e des-

treza, que não havia uma irmã hospiteira que se lhe comparasse.

E então ficava muito contente consigo, com uma grande infantilidade risonha, contava historias aos doentes, do seu tempo de estudante, e gabava-se com um orgulho ingenuo e cheio de bonhomia, de ter fama n'esse tempo, de não haver enfermeiro que lhe chegasse aos calcabnhares.

O talento e o estudo do dr. Alvarenga deram-lhe uma grande nomeada, não só no nosso paiz, mas, fóra d'elle, em todo o mundo scientifico, e como de ordinario acontece em Portugal, muito maior ainda lá fóra que entre os seus conterraneos.

E elle gostava muito d'essa celebridade; ostentava-a com uma grande vaidade ingenua, na capa dos seus livros, ostenta-se ainda no seu testamento, e era dos grandes homens um dos mais francamente accessivel aos enebriamentos da gloria e as voluptuosidades do amor proprio.

Mas se na capa d'esses livros ha a fraqueza da vaidade, dentro d'elles ha a força poderosa do talento e do trabalho, essa força, que é um orgulho e uma gloria da medicina portugueza.

O dr. Alvarenga estava ha annos afastado da clinica; concentrára toda a sua possante actividade no estudo de gabinete, estudo que só interrompia dois mezes de verão, estes mezes que estão correndo, as ferias da escola, para ir passear pela Europa.

E com que prazer fazia elle essas viagens! com que prazer matava essas ferias. Este anno foram as ferias que o mataram.

Pobre dr. Alvarenga! Ha annos que todos os mezes de julho o viam partir alegremente para as suas viagens. Este anno, elle, continuou fiel aos seus habitos. O mez de julho viu-o tambem partir para a sua viagem, mas nunca o tornará jámais a ver: esta viagem, é a grande, a fatal, a eterna, aquella d'onde nunca mais se volta!

O governo portuguez começou a preoccupar-se com o cholera da Alexandria, e ordenou algumas medidas hygienicas, que deverão ser como que um prophylatico para o mal.

Longe de nós a idéa de censurarmos as auctoridades pela resolução tomada, se censurássemos alguma cousa seria simplesmente o ellas fazerem aquillo a que o povo chama, lembrarem-se de Santa Barbara só quando faz trovões. Essas medidas hygienicas não deviam ser um remedio para circumstancias extraordinarias, deviam ser o *pão nosso de cada dia* das auctoridades administrativas da nossa terra.

Porque no fim de tudo não é só do cholera asiatico que se morre, morre-se tambem de febres paludosas; Lisboa possui a triste honra de ter dado o seu gentil nome a uma familia d'essa raça.

E entretanto gastam-se contos e contos de réis em todas as cousas, preparam-se avenidas para a posteridade, e ninguem pensa na salubridade publica, que com certeza não é uma das maravilhas de Lisboa, ninguem pensa em hygiene, ninguem pensa se quer em mudar de vez em quando as aguas d'alguns tanques da cidade, onde a lymphá crystallina é tão verde, que os cavallos quando passam por elles tem vontade de pastar.

Graças a Deus, a natureza é mais amavel para conosco do que as auctoridades administrativas, e o vento que continuamente passa a sua vassoura sobre os miasmas que nos são fornecidos prodigamente pelos canos de Lisboa e pelos saguões da baixa pressa-nos muitos mais serviços e vence menos ordenado, que essas poderosas auctoridades a quem está incumbida a guarda e a vigilancia da nossa preciosa saude.

Em nome d'ella agradecemos portanto ao governo as medidas tomadas, mas elle que não se escandalise, agradecemos muito mais ao vento. Obrigadissimo, brisas do Tejo!

Gervasio Lobato.

## MADAME SANZ

A Hespanha tem hoje dois cantores de primeira ordem: Gayarre e madame Sanz. Emquanto Gayarre, porém, percorre gloriosamente o mundo, madame Sanz, por um motivo qualquer, esconde a luz debaixo do alqueire, segundo a phrase do Evangelho, e vive em Madrid tranquilla e retirada do mundo tumultuoso da scena.

Por uma fineza especial ao jornalismo portuguez e ao jornalismo hespanhol, madame Sanz prestára-se á ir cantar á sala da Associação dos Jornalistas no sarau que era dado em nossa honra. Era um acontecimento, madame Sanz

canta raras vezes fóra do circulo da mais absoluta intimidade.

A noite estava quente, e as janellas abertas não conseguiram, ainda assim, fazer entrar na sala uma viração bastante fresca. A casa pequena, uma verdadeira casa de associação de jornalistas, estava apinhada de gente. De subito, á hora a que lá fóra, nos campos banbados pelo luar, começava, no dizer dos poetas, o rouxinol a descantar as suas ineffaveis melodias, madame Sanz ergueu a voz, e cantou.

O seu orgão potente encheu de vibrações a sala, e echoou por essas ruas fóra da sempre tumultuosa Madrid. Esta comparação do rouxinol é tão velha, que me envergonho realmente de a empregar mais uma vez. Desde os poetas persanos que se usa o rouxinol n'estes casos. Digamos, porém, a verdade. Abusa-se da ave gorgeiadora. Nem todos os cantores podem ser comparados com o rouxinol. Ha na immensa lista dos cantores que são escripturados pelas empresas dos theatros lyricos varias especies de passaros: rouxinoes, canarios, pintasilgos, e uma grande quantidade de melros. O que affirma, porém, a superioridade do rouxinol sobre os seus plumosos collegas das aulas do conservatorio divino, é a facilidade do seu canto. D'aquellas pequeninas gargantas, que mal se entumecem com o esforço, brotam as vibrações mais ricas, mais extensas.

Como pôde conter-se em tão pequenino recipiente um volume tal de melodia? Cantor que reteze todas as veias do pescoço para atirar a nota, embora melodiosa, não m'o comparem com o rouxinol, que me injuriam o passaro. O rouxinol canta, como nós fallamos, limpidamente, naturalmente. Ha creaturas humanas privilegiadas que são assim tambem. Fallam uma lingua especial, que tem no seu alphabeto sete letras fundamentaes. Madame Sanz pertence a essa classe de cantores.

Conversámos depois. Falla o hespanhol e o francez, além de fallar musica. Tem saudades do theatro. Sente já a nostalgia da scena. A sua ultima criação em Paris foi a *Carmen* de Bizet. Conhecem? Era um moço compositor que tinha que dizer a *Carmen* á humanidade. Lisse-a, e morreu. Ha tantos que n'uma longa vida escrevem operas sobre operas, e morrem sem ter dito coisa alguma! Aquelle disse. E, como não tinha mais que fazer n'este mundo, morreu. E a *Carmen* ficou. Madame Sanz lembrava-se com saudade do seu grande compositor, a quem dera tamanha alegria no dia em que lhe cantára a *Carmen*, e em que o publico, applaudindo-a e applaudindo-o, dera ao compositor a sua immensa messe de gloria. Ficára afeiçoada á peça, á memoria de Bizet.

«Se eu fóra a Lisboa, dizia-me ella, e espero que hei de ir, e espero que me háo de escripturar, quero ser eu a primeira a fazer ouvir a *Carmen* ao publico lisbonense. Veja lá bem. Quero ser a primeira.»

Veja lá bem agora o sr. Freitas Brito. Se ousa dar a *Carmen* ao publico, sem nos dar ao mesmo tempo a Sanz, doze dos que foram a Madrid, e que seremos chamados os doze de Hespanha, entrando n'esse numero Gervasio Lobato — o Magriço, iremos bater com o conto da nossa lança ou do nosso chapéu de chuva na porta do seu escriptorio, a dizer-lhe: «Cavalleiro felão, ou sr. fulano, se ousas dar a *Carmen* sem a Sanz, para a qual promettemos solemnemente reserva-a, apanhaes uma pateada que irá a casa abaixo.»

Mas é que effectivamente não se pôde comprehender bem a *Carmen* sem a Sanz. O papel deve estar-lhe ao pintar. Aquella cigana, de olhos negros e profundos, de grandes cilios a resguardarem a voluptuosidade ardente das pupilas, a cigana que Mérimée descreveu com traços tão brilhantes, deve ser admiravelmente representada por essa cantora magistral, que se entrega com todo o ardor da sua alma ao papel que representa.

Tivemos a prova d'isso depois. M.<sup>me</sup> Sanz fizera-nos ouvir umas arias, umas romanzas italianas, cantadas com admiravel mestria, mas os nossos collegas hespanhoes acercavam-se d'ella, fallavam-lhe em voz baixa. Ella resistio, rindo, elles insistiam. Emfim levantou-se, deu o braço a um d'elles, e dirigiu-se para o piano.

— O que vae ella fazer? perguntámos.

— O que vae fazer? tornou indignado um dos jornalistas. Vae cantar *seguidillas* ou *malagueñas*, ou *jotas*.

— Musica hespanhola?

— *Ya lo creo!*

Deus de Thereza de Jesus! Como Helena Sanz cantou! Eu disse-o já algures. A outra musica é um nectar, mas a musica hespanhola é um philtro. Endoida, inebria, exalta! Não ha n'este

mundo afinal de contas senão duas musicas fundamentais, a musica allemã (excluindo Wagner) e a musica hespanhola, a musica da alma e a musica do corpo, a musica dos anjos e do puro espirito que Beethoven, Mozart e Meyerbeer aprenderam nas florestas oraculares da Alemanha, banhadas por um luar sereno, meigo e pudico, e a musica do diabo e da carne que os trovadores andaluzes e valencianos aprenderam nos campos que o Darro banha e nas praias do lascivo Mediterraneo, quando os jardins rescendem perfumes que entontecem, e quando a lua donairoza do firmamento hespanhol vem de mantilha branca e de leque de prata procurar no seu leito de rosas, á sombra das romanzeiras, D. Endymião, que dedilha na sua guitarra umas trovas apaixonadas á sua divina amante.

Helena Sanz tem a intuição admiravel d'essa musica. Não que ella não é para ali uma allemã franzina, de olhos azues ethereos, que murmure: «Ó Klopstock» d'olhos cravados n'essa chlorotica lua germanica que passeia pelo ceu a ler a *Critica da razão pura*. Tem carne, graças a Deus! E, quando canta as melodias do seu paiz, tem o diabo no corpo, como Voltaire exigia que toda a artista o tivesse! Será das Helenas? A grega era, como todos sabem, filha de um cysne e de Leda; esta, a hespanhola, é filha decididamente de uma andaluz e de um rouxinol! Só assim se pode explicar aquelle desfiar de perolas vocaes, que dançavam um bolero enoidecedor na atmospherá quente da sala.

O que se não pode exprimir é o effeito produzido pela cantora. Sabem que ainda ninguem pôde verificar ao certo que musica tocava aquella trompa de Oberon, que fazia dançar todos os que a escutavam no poema famoso de Wieland. Creio ter descoberto agora que essa musica seria hespanhola. Todos os que ouviram Helena Sanz estavam evidentemente sentindo as primeiras comichões da dança. Gervasio Lobato balanceava a cabeça a compasso e já fazia oscillar o piano a que se encostava. Ouviu-se o tinir das espadas dos militares. Foi necessario evidentemente um esforço violento para não terminar a festa n'um bolero doidejante em que Antonio Duarte volteasse, caricioso e namorador, em torno de Benigno Martinez que lhe fugiria requebrado...

As virtudes magicas e universaes d'essa musica que entonce juntava-se para elles o encanto que se encerra n'esta palavra «nacional». Nos seus applausos havia delirio e havia orgulho. Condensava-se para elles n'aquellas melodias inexprimiveis tudo o que ha de ardente e de apaixonado nas manifestações da alma hespanhola. Assim era um delirio de bravos, de applausos, de braços estendidos para ella, de olhos ardentes cravados nos seus labios, e ella, ao acabar cada estrophe amorosa e ligeiramente agaiada, curvava-se, por assim dizermos, debaixo do sopro ardente d'essa ovação, e escondia o rosto rindo, como receiosa de que a visse a Musa grave dos salões, a correctá inspiradora das romanzas italianas, cantadas de papel de musica na mão...

Quando começaram os discursos, e que o primeiro orador portuguez, que teve de fallar, alludio a essa magia inexcedivel do canto hespanhol, que ficára como que fluctuando ainda nos echos da sala, e em que se impregnava inconscientemente a palavra do orador, que só a isso devia os applausos que o cercavam, redobrou a ovação, que envolveu assim n'uma mesma atmospherá de gloria o orador estrangeiro, a quem queriam acolher hospitaleiramente e a grande cantora nacional, que, commovida e grata, e ainda com os olhos humidos da exaltação do canto, viera apertar lhe a mão...

Pinheiro Chagas.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O ACTOR FARIA

Incomprehendido na vida, esquecido rapidamente na morte, tal foi a sorte d'esse actor notavel, que o theatro portuguez perdeu ainda não ha tres mezes completos, d'esse actor que foi uma das physionomias mais excéntricas e originaes da nossa arte.

Passou na scena sem fazer grande ruido, n'essa scena onde tantas mediocridades se elevam ás alturas da gloria nas azas d'Icaro do capricho leviano das platéas, e desapareceu do mundo, sem quasi ninguem dar pela sua falta, sem quasi ninguem o ir acompanhar á sua mo-

desta cova, em Lisboa que é a terra dos enterros pomposos, e das ruidosas apothecoses dos mortos insignificantes.

E entretanto Faria merecia bem que o victoriassem em vida e o chorassem na morte. Era um artista profundamente original era mais que um actor era o proprio genio do burlesco, e n'esse caminho funambulesco da arte, nenhum actor portuguez até hoje, o seguiu sequer de longe. A personalidade artistica do actor Faria e o lugar que elle occupou na scena portugueza nunca foram bem estudados, apreciados devidamente pela critica e pelo publico, porque esse mesmo publico que o applaudia muito, que se desfiaza em gargalhadas com elle, ante as suas estupendas creações phantasticas e ante o humorismo original e irresistivel das suas extraordinarias personificações burlescas, não se pronunciava unanimemente em seu favor, porque para esse publico pouco dotado de percepção artistica, de indole excessivamente pratica em que predomina esse bom senso estreito, terra a terra, que constitue a feição dominante do espectador burguez, Faria era um actor exaggerado, falso na declamação, despropositado, convencional.

E elle o que era era um caricaturista notavel, d'uma intuição espantosa para o phantastico, e quanto mais o personagem que representava se afastava do molde trivial, e ia perdendo a feição humana, maiores e mais extraordinarias proporções tomava o trabalho do actor, mais brilhante e extraordinario se manifestava o seu talento.

O publico vulgar pôde esquecer esses trabalhos magnificos, mas o espectador intelligente, o critico d'arte ha de se recordar sempre e com saudade e com admiração do vasto repertorio burlesco de Faria, d'essa galeria abundante e unica de typos grotescos e phantasticos, d'essa legião excepcional e cosmopolita de demónios de opera buffa, de reis de Cocanha, de Chins de colleccionador de ceramica, de turcos de bomba de cachimbo, de gallegos extraordinariamente humanos, d'esses gallegos que foram a alegria do publico e a gloria do actor, que os reproduzia com um escrupulo meticuloso de vestuario, de caracterisação, de linguagem, tão reaes, tão enxovalhados, e tão cerrados como elles estão nas tabernas da baixa, nos chafarizes da capital, e nos arredores de Tuy. N'essas creações de gallegos Faria era o maior dos actores realistas; sem saber o que era o realismo, a sua intuição phenomenal adivinhava-o e fazia-o, e as *Intrigas no Bairro*, a *Molestia de Pelle*, as *Pegas dos Touros* a sua ultima creação, são verdadeiras obras primas da arte scenica moderna. E a essa galeria vastissima é mister juntar o sem numero de imitações phantasticas de italianos, de inglezes, de francezes, de estrangeiro de variadissimas nacionalidades cada uma das quaes era uma caricatura perfeita e prodigiosa pela verdade de ademanes, de pronuncia, e pela justeza com que gisava em cada um d'esses personagens o seu *tic* individual e caracteristico.

Nos papeis serios Faria era quasi sempre mediocre, e todavia, por uma contradição singular eram esses os unicos a que dava importancia, nutrido pelas suas creações comicas um desdem profundo, a ponto de repellar com desagrado e por vezes mesmo com ira, qualquer elogio a ellas.

Faria cantava: possuia uma voz de sentor: era um *basso* central tão aspero quanto vigoroso a sua voz, órgão singular e phantastico e com o proprio dono, parecia sahir d'um cantaro, e servia-lhe de grande partido nas situações burlescas das operetas e das magicas.

Sabia tambem dançar como qualquer bailarino e a sua chorographia funambulesca, em que des envolvia uma agilidade de clown era d'um comico indiscriptivel e assombroso.

Como artista Faria era um modelo de consciencia, e ficarão para sempre notaveis na historia da nossa arte a seriedade e a convicção com que elle declamava as coisas mais absurdas e disparatadas.

Na caracterisação e no vestuario, o pobre actor levava o seu escrupulo minucioso até ao martyrio: tirava d'esses elementos scenicos recursos e effeitos artisticos d'um imprevisto admiravel: realisava quasi impossiveis: engordava e emagrecia, crescia e minguava a seu bel-prazer parecia de borracha, e quem o visse representar o etico e quasi transparente poeta faminto do *Campanone*, difficilmente o reconheceria no anafado general Boum, no obeso Zanguizarra, ou no espherico mandarim da *Flor de Chá*.

Temos fallado do actor; fallemos agora do homem.

N'elle era tudo singular, extranho e contraditorio. Os que tratavam com o Faria pela primeira vez passavam por uma decepção enorme:

encontravam um individuo magro, secco, e tizado, de physico plebeu e absolutamente vulgar mixto estranho de boleeiro e de sachristão, de moço de café e de boticario d'alléa, d'uma civilidade humilde, de modos acanhados, desbarretando-se a cada phrase, parecendo sempre que ao abrir a bocca ia pedir perdão d'existir, de ter talento, de ser o espirituoso interprete das rasgadas concepções que eram a gloria da arte portugueza.

Faria morreu novo ainda: tinha apenas 53 annos. Chamava-se Justiniano Nobre de Faria, era filho legitimo de João Bernardo Nobre de Faria e de Marianna da Purificação Nobre de Faria, nasceu em Lisboa na freguezia de Pena, em 8 de janeiro de 1830.

Rapazito ainda, a familia mandou-o aprender o officio de lubeiro; mas Faria não acabou a aprendizagem, e empregou-se no guarda roupa do theatro de S. Carlos.

Ahi o demónio da arte começou de voltas com elle: Faria principiou a representar por theatros particulares, e depois preparava-se para entrar para o theatro de D. Maria, quando do theatro de D. Fernando lhe fizeram propostas para ir para ali.

Foi; debutou em 1850, na *Barcarola*, uma peça que fez furor no tempo, e conservou-se n'esse theatro até elle se fechar, fazendo progressos notaveis e deixando nome no *Martyr* e na *Venta del Puerto*.

Quando o theatro de D. Fernando fechou Faria passou para as Variedades, onde se tornou notavel no *Reino das Fadas*, na *Coró de Carlos Magno*, no *Terramoto das Antilhas*, esteve no Principe Real onde creou a legendaria figura do burlesco general Boum, e o mandarim da *Flor de Chá*, e foi por varias epochas escripturado na Rua dos Condes onde fez um vastissimo repertorio em que sobresaem o *Fagulha o Campanone*, os *Dois Dias no Campo Grande*, as *Intrigas no Bairro*, etc., etc.

Faria era honradissimo mas levava a delicadesa e o escrupulo até á puerilidade: dotado d'um caracter excéntrico era em extremo susceptivel e desconfiado.

Sonhava com inimidades que não existiam, com seitas que lhe queriam mal, com desconfianças que só viviam no seu cerebro extranho; e desgostoso com tudo isso que era apenas um parto da sua phantasia excéntrica, partiu um bello dia para o Brazil.

Ao desembarcar porém no Rio de Janeiro constipou-se, adoeceu e esteve logo cinco mezes de cama entre a vida e a morte. Foi má entrada. Além d'isso Faria era infeliz nas viagens. Na sua mocidade, pouco depois de se estrear no theatro de D. Fernando tambem jáprehendera outra viagem mais proxima: uma viagem a Hespanha com uma hespanhola com quem tinha amores e que tivera ali uma herança. Foi com ella para receber essa herança, mas d'ali a pouco apparecia espavorido em Lisboa sem herança e sem hespanhola. E se se tivesse demorado mais uns dias os outros herdeiros tel-o iam feito voltar tambem sem costellas.

Depois d'essa doença no Rio de Janeiro, doença de que sempre lhe ficaram vestigios, Faria escripturou-se n'um theatro mas foi infelicissimo. O empresario ficou-lhe a dever um conto de réis. Farto de theatro Faria voltou-se para o commercio, e para ganhar a vida entrou para caixeiro d'uma mercearia, onde tinha, pobre actor! de carregar como um d'aquelles gallegos com que elle nos fazia rir tanto em Lisboa.

A sua saude não era para aquillo, doente, desgostoso, pobre, Faria deveu á dedicação d'um amigo o aleman os meios de voltar para Lisboa que nem isso tinha. O Brazil para elle não fóra um Brazil.

Quando aqui chegou já não era o mesmo: andava scismatico, doente, e sua misantropia antiga transformára-se em verdadeira enfermidade.

Representou ainda alguns annos na Rua dos Condes, creou varios papeis no *Bombeiro*, *Homens do Mar*, *Taverna*, *Pegas dos Touros*, e um triste dia o Faria desapareceu do theatro.

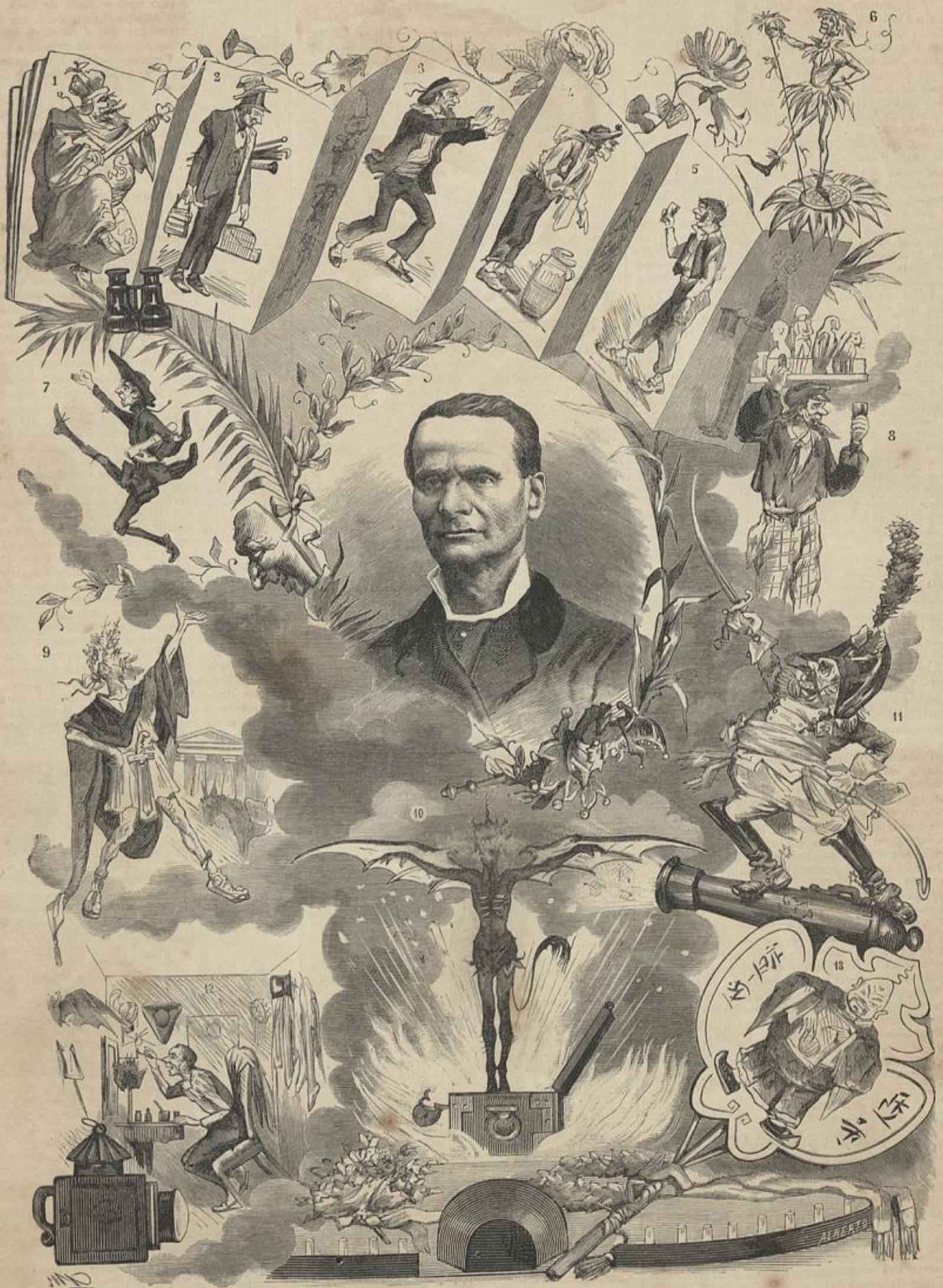
Estava no hospital n'um quarto particular que devia a um seu amigo dedicadissimo.

Cousa d'um anno depois, em 28 de abril de 1883, Faria desapareceu do mundo.

O grande actor burlesco acabára de representar o drama da vida.

Como é vulgar nos que se dedicam ás artes, e mesmo n'aquelles que n'ellas se distinguem, Faria morreu pobrissimo e um pouco esquecido.

Se tivesse exercido a sua arte em qualquer outro paiz, teria como Debureau ou Paul Le-grand occupado uma posição eminente, rica e gloriosa, indo como Grimaldi de carruagem para o ensaio, ou tendo um theatro seu como George Conquest.



1 Ave do Paraizo — 2 Ferro Velho — 3 Fagulha — 4 Sr. Raynunculo — 5 Intrigas Lo Bairro  
 — 6 Pomba dos Ovos d'Ouro — 7 Campanone — 8 Novas Intrigas — 9 Ulisses — 10 Satanax — 11 Gran-Duqueza — 12 No Camarin — 13 Flôr do Chá

O ACTOR FARIA (Dezenho de M. de Macedo.)

## EUGENIO SAUVINET

O OCCIDENTE publica hoje o retrato d'um dos mais distinctos amadores de musica que tem vivido em Portugal, o retrato do sr. Eugenio Sauvinet, a quem uma terrivel doenca roubou no dia 25 do mez de maio ultimo, aos carinhos de uma extremosa familia e ás sympathias entusiasticas de quantos o conheciam.

Eugenio Sauvinet era um artista de raça, e todas as vezes que elle apparecia em publico com o seu magnifico violoncello de Stradwarius, o publico maravilhado, com a sua execução primorosa, com o sentimento extranho e delicado, que elle sabia imprimir ás cordas do violoncello, fazia-lhe ovações ruidosas, ovações que invejariam muitos artistas de nomeada famosa.

Filho d'um negociante francez que por muito tempo residiu em Lisboa, Eugenio Sauvinet estudou aqui musica com o maestro João Cossoul, e violoncello com o illustre violoncellista Casella, que o estimava immenso e lhe dedicou muitas das suas notaveis composições.

Concluidos os seus estudos musicas em Portugal, foi a Pariz estudar com Frauchounu, o professor do conservatorio, e Nathan, que lhe dedicou o seu concerto com acompanhamento de orchestra, e foi ainda a Bruxellas tomar algumas lições com o celebre Suvaes.

A primeira vez que Sauvinet tocou em publico, foi n'um concerto de caridade em que executou um tercetto com Mademoiselle Sophia Cossoul e Mazoni pae.

Eugenio Sauvinet tinha então apenas doze annos, e o seu talento precoce e brilhante provocou tempestades de applausos.

Depois, todas as vezes que se tratava d'uma boa obra, Eugenio Sauvinet prestava o seu talento e Lisboa teve o prazer de o ouvir e de o applaudir numerosas vezes.

Em França, na Allemanha, na Belgica, em Italia, Eugenio Sauvinet tomou parte em varios

concertos de caridade conquistando applausos unanimes e um nome illustre entre os mais notaveis amadores de musica.

Eugenio Sauvinet, morreu com 50 annos, pois nasceu em 24 de julho de 1833. A sua casa foi durante muito anno o ponto de reunião de todos os artistas mais notaveis que passavam por Lisboa, e ainda ultimamente, apesar da doenca o andar já turturando, em sua casa fazia-se mu-

a originalidade, dispoz, em varios grupos, os peixes, o marisco, as aves, as fructas, as hortaliças, a caça, e até as mesmas latas onde se expedem as conservas, de modo que illudem o observador. Ha n'este, chamemos-lhe quadro, primores de execução, sobretudo se se souber a presteza com que foi executado. Vão vê-la onde está, tal como a representa a nossa gravura, e, depois, estamos certos que darão connosco os parabens ao artista.



EUGENIO SAUVINET — Fallecido em 25 de maio de 1883 (Segundo uma photographia de Solas)

sica e da melhor, collaborando n'isso com o dono da casa, muitos artistas distinctos, e seu irmão Henrique que é tambem um violento amator de primeira ordem. Eugenio Sauvinet era cavalleiro de Christo e de Isabel, a Catholica.

TABOLETA  
DA FABRICA DE CONSERVAS  
DE COSTA LINO & C.<sup>a</sup>

As artes decorativas, longo tempo decahidas entre nós, vão tomando agora algum desenvolvimento. As exposições de arte celebradas em diversos paizes, e a facilidade das communicações, permitindo ás classes mais favorecidas o viajar com commodidade, tem desenvolvido um certo gosto entre nós, que se vae manifestando em variadas colleções e applicações. Um dos ramos decorativos, onde se tem feito certo progresso, é nas tabolettas dos estabelecimentos, o que aliás era de uso antigo entre nós, e não são raras as curiosidades n'este genero. Ha pouco tempo, porém, foi exhibida ao publico uma taboleta, que é ao mesmo tempo um quadro. Pereira Junior, artista já vantajosamente conhecido, de quem temos fallado varias vezes, e nomeadamente no n.º 63 do nosso 3.º vol., é o seu auctor. Encomendada para a fabrica de conservas alimenticias dos srs. Costa Lino & C.<sup>a</sup>, sita na rua do Poço dos Negros n.º 103, Pereira Junior satisfez á encomenda como verdadeiro artista. Com toda



O COMMENDADOR SALVI E O SEU CAVALLO OLE-OLE (Segundo photographias)

## O GENERAL JOSÉ DE VASCONCELLOS CORRÊA

2.º CONDE DE TORRES NOVAS

No dia 23 de junho ultimo, pelas 9 horas da noite, findava os seus dias, na cidade do Porto, o valente soldado das campanhas liberaes, depois de alguns annos de soffrimento, que trouxeram em constantes sobresaltos a sua familia, camaradas, amigos e respeitadores.

José de Vasconcellos Corrêa nasceu em Torres Novas, a 31 de agosto de 1804, sendo filho de um abastado proprietario da localidade, Antonio Narciso de Vasconcellos Corrêa, e de sua mulher D. Joanna Barbara da Costa Caria. Aquelle tempo heroico, em que o valor portuguez tanto se assignalou, accendeu em todos os mancebos o ardor marcial, e por isso não admira que tres irmãos se dedicassem á vida militar, Cesar, Guilherme e José.

José de Vasconcellos alistou-se a 6 de setembro de 1820, como cadete de cavallaria, com todo o calor que inspiravam os successos então recentes. Felizmente, em todo o progresso e retrocesso politico occasionado pelos movimentos d'esse anno, de 1823 e 1824, não houve peijas feridas e data de 1826 o começo verdadeiro da lucta entre a liberdade e o absolutismo. Esses seis annos haviam-lhe servido de fermento. A 14 de novembro de 1826 teve o seu baptismo de fogo em Arronches, e deixou logo conhecer que tempera de soldado ali estava. O primeiro posto ganhou-o por distincção, sendo então promovido a alferes.

Seguindo os azares do exercito liberal, assistiu aos combates da Cruz de Mourouços e Ponte do Vouga em 1828, depois de inaugurada a usurpação de D. Miguel. Em seguida teve que emigrar para a Galliza, e d'ali para Inglaterra. Foi dos primeiros que, com seus dois irmãos, desembarcaram na ilha Terceira, verdadeiro padrao da liberdade, assistindo á acção da Villa da Praia a 11 de agosto de 1829, acompanhando o pequeno exercito na restauração das outras ilhas dos Açores.

Dos Açores veio com a expedição que desembarcou nas praias de Arnosa de Pampellido, (vulgo Mindello) assistindo logo ao reconhecimento de Vallongo, a 22 de junho de 1832, e ao ataque de Ponte Ferreira, no dia immediato. A 6 de agosto era promovido a tenente, entrando no dia seguinte na acção de Souto Redondo.

Posto logo ás ordens do general visconde da Serra do Pilar, então governador d'esta posição, sustentou desde o dia 8 de setembro, em que o inimigo occupou Villa Nova de Gaya, todo o pezo dos combates que se feriram n'aquelle ponto, quasi diarios e sempre renhidos e encarnizados; assim como assistiu ao celebre bombardeamento que, começando ao romper do dia de 13 de outubro, durou até ás duas e meia horas da tarde do dia 14.

A Serra do Pilar, atacada então pelo inimigo na força de 6000 homens, dividido em tres columnas, defendeu-se heroicamente, sendo este desbaratado completamente, e posto em retirada.

Os miguelistas, varejando o Douro, impediam a comunicação das duas margens; era impossivel quasi a passagem; havia, porém, necessidade urgente e impreterivel de levar communições ao quartel general imperial: José de Vasconcellos offereceu-se para esse fim. Mettido dentro de um caixão, atravessou o rio, apesar das balas inimigas, e, são e salvo, ponde satisfazer esta arriscada commissão.

Organizado o regimento de cavallaria n.º 10, e entregue o seu commando ao bravo barão de S. Cosme, escolheu este a José de Vasconcellos para ajudante do regimento.

Com elle assistiu ao grande combate no sitio do Pastelleiro, na Foz, a 25 de julho de 1833, e por essa occasião foi promovido a capitão.

No dia 18 de agosto, tendo o inimigo desamparado a ala direita da linha, foi o seu regimento quem bateu, tanto a infantaria como a cavallaria, até Vallongo.

Terminada a lucta no norte, veio com o exercito liberal para o sul, fazendo parte do corpo do commando do marechal Saldanha.

Na sua marcha para Almoester foi encarregado pelo marechal de ir surprehender um regimento inimigo que se estava organisando na Gollegá. José de Vasconcellos, á frente de 50 cavallos, cõe tão rapida e felizmente sobre o inimigo, que aprisiona 20 officiaes, incluindo o commandante, toma o casco do regimento, composto de mais de cem praças de pret, 30 soldados de cavallaria, e bestas de bagagem, apesar de, na sua retirada para Almoester, ter sido incommodado por forças inimigas, que não poderam interceptar-lhe a marcha.

Seguindo com o marechal Saldanha contra Leiria, desalojando d'aquelle ponto o inimigo, encaminhou se d'ali para Torres Novas. Encarregado da Guarda avançada entra na villa, ponde em debandada um piquete de 40 soldados de cavallaria, que estavam no rocio d'ella. Avançando depois contra o regimento, foi por elle envolvido e ferido gravemente na cabeça, devendo á sua bravura, á dos 20 soldados que commandava, e sobretudo á do cabo Terena o poder salvar-se do meio dos inimigos, muito superiores em numero.

Em 30 de janeiro de 1834 deu-se ainda a acção da Torre do Bispo, onde com o seu regimento bateu o inimigo, que deixou no campo armas e munições, perdendo mais de mil homens.

Foi promovido a major em 1 de julho de 1844 a tenente coronel em 19 de abril de 1847, a coronel em 29 de abril de 1851, indo pouco depois commandar o regimento de cavallaria n.º 4, aquartelado em Santarem. Promovido a general de brigada em 1866, veio pouco depois commandar a guarda municipal de Lisboa, commando que exerceu com toda a nobreza e energia do seu caracter, devendo-se ainda a esta e á sua actividade, o abortamento de uma sedicção iniciada no batalhão expedicionario da Zambesia, aquartelado em Alcantara.

Nomeado commandante da 3.ª divisão militar em 1868 ali se conservou até ao fim da sua vida, tendo sido promovido a general de divisão em 21 de janeiro de 1876. Era ajudante de campo d'el-rei e condecorado com varias ordens. Em attenção aos seus serviços foi-lhe dado o titulo de conde de Torres Novas, com que havia sido honrado seu irmão Cesar, que foi governador da India e ministro dos negocios da guerra.

Devemos ainda dizer que José de Vasconcellos era um dos melhores cavalleiros portuguezes, sendo conhecido como tal entre os militares portuguezes e hespanhoes.

O Porto estimava-o, e tinha por elle uma grande veneração; esta veneração foi-lhe tributada na morte por quantos portuguezes prezam o valor, a honradez, e a integridade de caracter.

R.

## O COMMENDADOR PAULO SALVI

E O SEU

### CAVALLO «OLE-OLE»

O espaço de que dispomos não nos permite dar uma noticia larga e completa do commendador Paulo Salvi, dos seus estudos praticos, e trabalhos theoreticos com relação ao cavallo; porisso ao apresentarmos o seu retrato e a estampa do seu magnifico cavallo «Ole-ole», resumiremos em poucas linhas o muito que teriamos a dizer.

Paulo Salvi, italiano de origem, nasceu em Vienna d'Austria, em 1848, sendo filho do commendador Salvi, empregado na corte do então imperador da Alemanha, e da condessa de Gallenfels, da mais elevada nobresa pollaca. Educado no collegio Tereziano, viveiro de nobresa austriaca, tinha concluido os seus estudos em 1866, quando já se presentia o estalar da guerra entre a Austria e a Prussia. Assentou praça e foi collocado como alferes em um regimento de italianos que fazia parte do 2.º corpo de exercito, no norte.

N'essa situação assistiu á batalha de Koenigsgratz a 3 de julho de 1867, na qual ficou gravemente ferido, sendo promovido a tenente. Colocado nos couraceiros primeiro, passou depois a um regimento de hussards, tendo sido elevado a capitão em 1873.

Dedicado desde novo ao estudo do cavallo e da sua aptidão para a guerra, começou a fazer ensaios de resistencia da sua marcha, realizando pouco tempo depois a sua celebre viagem de Buda-Pesth a Paris (1600 kilometros) em 13 dias, montando um cavallo transilvanio, quasi selvagem, que nunca fora montado, nem adestrado. Omittindo outros exercicios d'este genero, o que acabou de confirmar a sua reputação de cavalleiro ousado, foi a sua marcha de Chorgelow em Laberg, 288 kilometros, em 34 horas sob uma temperatura de 19 graos abaixo de zero. Os perigos e resfriamento d'esta perigosa viagem, fizeram suspender por algum tempo as suas experiencias.

Tendo seu pae abandonado finalmente a Austria e regressando á Lombardia sua patria, em 1876, pediu o joven Paulo uma licença illimitada e veio com seu pae para Italia.

Depois de illustrar com os seus conhecimentos especiaes varios periodicos italianos, france-

zes e allemães, a ponto do seu nome ser hoje citado como uma auctoridade, em tudo o que respeita ao assumpto da raça cavallar, resolveu-se a fazer um estudo pratico com relação ao cavallo italiano.

Em 1878 fez a sua notavel marcha de Bergamo a Napoles, n'uma egua pequena, percorrendo em um só dia a parte dos Alpes entre Bolonha e Florença. Seis dias depois achava-se em Napoles, tendo percorrido 1:100 kilometros em dez dias.

Depois d'este primeiro serviço prestado á Italia, Salvi pediu a sua demissão do exercito austriaco, do qual se despediu para sempre.

Conservando as honras do seu posto n'este paiz não quiz entrar no exercito activo.

Resolvendo-se a percorrer a peninsula iberica, para reconhecer a importancia das suas raças cavallares, tão nomeiadas desde a antiguidade, e cuja celeridade de movimentos, levou a imaginação grega a phantasiar, que as suas eguas concebiam do vento, dirigiu-se a Hespanha.

Havendo comprado, nas creações do Marquez del Saltillo, o famoso cavallo, cujas fórmulas tanta confiança lhe inspiraram, começou a sua marcha atravez da peninsula, partindo de Sevilha no 1.º de março. Dirigiu-se por Alcalá de Guadaira e Arahá para Moron, a 5, chegando no dia 8 a Montellano. N'estas diversas localidades visitava todas as caudelarias, tendo de percorrer em um dia 80 kilometros para esse fim. A 15 sahiu para Hornos, percorrendo Villamartin, Paterna, Medina, Sidonia, visitando sempre as caudelarias circumstantes. Encaminhando-se para a zona de Algeiras e Gibraltar, chegou a Arcos onde, para aquelle fim, se deteve 3 dias. A 24 chegou a Jerez de la Frontera. Teve muito que estudar e observar nas cercanias, partindo a 9 de abril para Sanlúcar. A 10 passou o Guadalquivir. As 24 leguas que se seguiu por um terreno arido, onde o cavallo se enterrava sob um sol ardentissimo foram fatigantes; mas mais violento foi o atravessar a montanha, por onde estão Zalamea, minas de Rio Tinto, Higuera, Aracena, Cumbres Mayor, Frejenal de la Sierra, por carreiros e veredas proprias só para cabras. O governo hespanhol punha sempre á sua disposição escoltas da guarda civil, que o guiavam e encaminhavam. *Ole-Ole* sustentou sempre os brios da sua raça.

Proseguindo por Barcarota, Almendral, Albuera, chegou na tarde de 26 de abril a Badajoz. N'esta cidade se demorou até 4 de maio, examinando as caudelarias dos seus arredores.

Tendo o governo italiano prevenido o ministro de Italia, em Portugal, da viagem de estudo do illustre official, o sr. Marquez de Oldoini, assim communicára ao governo portuguez, que deu logo as ordens convenientes a todas as auctoridades militares, de modo que quando no dia 5 de maio Salvi chegou a Elvas, acompanhado do capitão hespanhol sr. Morales, era esperado pelo ajudante de campo do general, sr. Henrique José Alves, governador da praça, e por uma escolta de cavallaria. Na praça esperava-o o general com um esquadrão de lanceiros de Victor Manuel e outro do regimento de caçadores a cavallo. Poude logo Salvi observar o aspecto das nossas duas especies de cavallaria.

Demorado alli um dia, partiu no seguinte para Extremoz.

Partindo para Evora foi galhardamente recebido pelo sr. general Chelmicki, commandante da divisão, e além d'isso patricio da mãe do illustre viajante, o que foi para elle duplo prazer. D'alli dirigiu-se a Monte-Mór-o-Novo e Vendas Novas, onde foi obsequiado pelos officiaes da escola pratica de artilheria, tendo occasião de vêr o palacio da localidade e o polygono. D'aqui partiu em direcção ao Barreiro, 95 kilometros de terreno arido, sempre debaixo de chuva, fazendo porém o trajecto em menos de dois dias, dos quaes saiu *Ole-ole* perfeitamente bem.

Esta viagem é a mais extraordinaria de Salvi pois não consta de menos de 3:800 a 4:000 kilometros em 80 dias de marcha continua, com os descansos indispensaveis.

Recebido em Lisboa como merece quem se dedica a um estudo importante, foi pelo ministro de Italia apresentado a Suas Magestades e aos ministros, e tem examinado tudo o que tem podido em caudelarias, monumentos, bibliothecas, museus, etc.

Na noite de 28 de junho celebrou o commendador Salvi, na sala da Real Associação Central de Agricultura Portuguesa uma conferencia sobre a criação do cavallo, sua aptidão para os diversos serviços e nomeadamente para a guerra, qual o seu papel em vista da tactica moderna, rapidez e alcance do tiro, e quaes as condições que deve ter para satisfazer a estas exigencias; dando com

a sua auctorizada opinião preferencia ao cavallo mediano, e de raça arabe, a qual muito peso deve ter para nós, em vista da configuração do nosso territorio.

Terminada a conferencia a que assistiram o encarregado de negocios de Italia, sr. Cotta, ministros da Allemanha e da Belgica, professores, generaes, officiaes das diversas armas e muitas outras pessoas, o encarregado de Italia agradeceu á direcção da sociedade, aos outros ministros e a outras pessoas, a sua comparecencia áquelle acto.

Paulo Salvi tem colligido apontamentos para escrever um trabalho relativo á peninsula.

J. B.

## DEZ DIAS EM HESPAÑHA

NOTAS DE VIAGEM

II

(Continuado do numero antecedente)

Quando chegámos ao hotel, cheios de alegria e de malas, esperava-nos uma terrivel surpresa, uma surpresa de noventa e cinco degraus!

— Os nossos quartos?

— Nel tercero piso.

— Terceiro? Vá lá.

E começámos a subir a escada.

No terceiro andar parámos.

— És arriba, disse-nos uma criada hespanhola, feia, mas elegante, engraçada, vestida modestamente, mas penteada como uma duqueza, com um grande pente vistoso, collocado garridamente no alto do cabello, enrolado com uma simplicidade elegante de bom tom, a que nunca attingiram cabellos portuguezes nas mãos famigeradas das Camillas e das Mulatas.

— Mas o terceiro piso á aqui.

— No, es el segundo, abajo es el entre suelo.

Estafados e convencidos, subimos mais dois lances. Ao todo 95 degraus!

E entrámos nos nossos quartos, aterrados, esbaforidos, e era a primeira vez que subiamos essa escada.

Imaginemos o que seria depois!

Fizemos as nossas contas, o nosso orçamento de degraus, minuciosamente, com todas as leis da boa arithmetica.

Cada dia subiamos, pelo menos, seis vezes essa escada,  $6 \times 95 = 570$ ; estivemos em Madrid 14 dias:  $14 \times 570 = 7980$ !

7980 degraus, eis a bonita somma de degraus que subimos no Hotel dos Embaixadores, durante a nossa estada em Hespanha! E ainda ha pernas que se gabem de terem subido ao Monte Branco!

\* \* \*

O Hotel dos Embaixadores é um dos melhores de Madrid, e, segundo vimos, differe do *Hotel de la Paix* e do *Hotel de Paris*, unicamente em ser mais barato.

Em Lisboa contavam-se coisas fabulosas dos hoteis de Madrid. Dizia-se que o mais barato que lá se encontraria para as festas do rei de Portugal, seria a 98000 réis por dia, e isso se se encontrasse, porque estava tudo cheio como um ovo.

Quando sahimos de Lisboa, tinhamos de ha muito quartos marcados nos Embaixadores, a meia libra por dia, e iamos assustadissimos por causa do preço.

— Em Madrid, n'este tempo, hotel a meia libra por dia, ha-de ser coisa muito parecida com o *Hotel Consolação dos Viajantes* que ha em Santa Apollonia, defronte da estação dos caminhos de ferro.

E quando nos approximámos da *calle* de Victoria, iamos á espera d'uma espelunca immunda.

Encontrámos, porém, um hotel magnifico, estabelecido n'um grande predio luxuoso, que faz esquina para a *carrera* S. Jeronymo, uma das melhores ruas de Madrid.

O Hotel está montado sem um grande luxo, mas com todas as condições de confortavel, tem um bello pessoal de criados, e sobretudo um dono excellent, um rapaz sympathico, alto, magro, louro, typo francez, mas que é hespanhol, o D. Modesto, um dono de hotel que tem a mania de fazer com que aos seus hospedes não falte nenhuma commodidade em sua casa, um hespanhol que tem a preocupação de ser amabilissimo para com os portuguezes.

Entre todos os hoteis de Madrid, o D. Modesto, com este seu tic tem conseguido que o seu hotel sejá o hotel dos portuguezes.

E para ter lusitanos em sua casa, D. Modesto sacrifica até os seus interesses; chega a despedir hospedes hespanhoes, francezes, inglezes, alle-

mães, e até chinezes, para ter quartos para os portuguezes.

Comnosco aconteceu-nos isso. Os hoteis de Madrid estavam todos cheios; pois o D. Modesto tinha-se recusado a receber hospedes, para ter reservados os quartos marcados pelos portuguezes, e não fez o que ha annos nos fez um hotel do Porto.

Foi por occasião da inauguração da ponte Maria Pia. Nós e mais cinco ou seis amigos, mandámos para o Porto marcar com antecedencia de quinze dias, uns quartos para os dias das festas.

— Estão marcados, responderam-nos de lá.

Fomos, assistimos oito dias, e quando pedimos a conta, apresentaram-se tres semanas de hotel, com almoço, jantar e ceia, e até com a vella diaria para o nosso quarto!

(Continua).

Gervasio Lobato.

## O AMIGO VISCONDE

IX

Logo que Isabel entrou na sala, depois de ter cumprimentado D. Dorothea e Alvaro, Valentina apresentou-lhe o primo.

Ah! ella conhecia-o muito de nome! Os jornaes tinham referido com grande louvor o seu procedimento heroico, quando, na Africa, salvou cinco pessoas d'um naufragio!

— Cinco pessoas, não foi? — perguntou Isabel.

— Sim, minha senhora — respondeu Nuno; e acrescentou com um tom modesto, baixando a cabeça: — Eu apenas fiz o que qualquer outro homem faria no meu logar...

— Concorde — disse Isabel, sorrindo. — Concorde. Outro homem que fosse um heroe como v. ex.ª

— Oh! minha senhora! Pelo amor de Deus! Esse glorioso epitheto é demasiado lisonjeiro para quem apenas cumpre o seu dever.

— Ainda assim — tornou Isabel, dando alguns passos ao lado de Valentina — são raros aquelles que levam esse sentimento ao ponto de arriscarem a propria vida.

Encaminharam-se para um pequeno sofá, que ficava n'um angulo da sala, por traz da meza. Era uma mesa redonda, coberta com uma colcha antiga, de estoffo pesado, com bordados de matiz e ouro. Ao centro, um alto candieiro de bronze derramava uma luz abundante e clara, suavizada por um *abat-jour* de vidro fôco. As paredes da sala eram forradas de papel aveludado cor de granada. Havia, ao lado, um contador de pau santo torneado com incrustações de metal reluzente; e um antigo espelho oval, com o vidro um pouco embaciado, pendia da parede n'uma rica moldura doirada. Uma aguarella representava a paisagem do Ribatejo, onde um campino a cavallo, de pampilho ao hombro, se destacava no fundo secco e arido d'uma longa charneca, sob um céu muito azul com nuvens brancas dispersas no alto. Do tecto pendia um lustre de bronze com pingentes de crystal suspenso de uma cadeia doirada; e, ao fundo, os cortinados de seda cor de palha desciam até ao chão, arrepanhados em cordões, cujas borlas vinham tocar no tapete. Espalhava-se na sala um vago perfume de violetas.

Nuno foi sentar-se junto da tia Dorothea. A velha senhora, toda inclinada para a frente, fazia tricot.

— Então quanto tempo fica agora por cá, Nuno?

— Espero ficar dois annos, tia.

— Quanto? — perguntou Valentina.

— Dois annos, prima.

D. Dorothea poisou as mãos nos joelhos, e erguendo os olhos por cima das lunetas, que lhe tremiam na ponta do nariz, exclamou:

— Ainda bem! Fique dois annos, fique. Coitado! deve custar-lhe muito sahir de Lisboa.

— Ah! — disse Nuno, com um ar triste — Mas... que remedio ha, tia!

Do outro lado, Isabel e Valentina falavam baixo, voltadas uma para a outra. Isabel era d'uma estatura elegante. Os seus cabellos negros, levemente ondeados nas temporas, destacavam sobre o seu rosto muito branco, de um perfil quasi recto das estatuas antigas. Trazia um vestido claro, que lhe modelava os contornos cheios e firmes do peito. Falava á pressa, com um braço poisado na meza.

— Não, filha — disse Valentina alto. E falou-lhe ao ouvido.

Isabel ouvia com attenção, com o olhar baixo, tocando machinalmente piano sobre a mesa. De repente, ergueu a cabeça: — Ah! de certo! — gritou sorrindo.

E Valentina disse-lhe então uma phrase curta.

— Sim, sim — repetiu Isabel triumphante — Isso lá, sim, filha.

Ficaram depois direitas, voltadas para a meza. Isabel, toda reclinada no fundo do sofá, perguntou:

— Quando chegou o sr. Nuno de Mascarenhas?

— Ha tres dias.

Valentina desenrolava um bordado:

— Diga-me — disse ella, dispondo os novellos das lãs sobre a meza — Já foi a S. Carlos, depois que veio?

— Ouvi hontem a *Traviata*, prima.

— Um horror! — gritou Isabel — Não é?

Nuno sorriu-se. Era, de certo. A *Traviata* só se podia ouvir muito bem cantada.

— Já a ouviste pela Patti? — perguntou Alvaro, que se tinha vindo sentar ao lado.

— Já — respondeu Nuno — Ouvi-a em Londres.

— Tambem eu — accudiu Isabel. — Faz agora trez annos...

— Justamente.

Como? Tinha graça!

— Então esteve tambem em Londres? — Perguntou Isabel muito interessada.

A coincidência aproximou-os. Principiam a falar ambos de Londres. Na opinião de Isabel era uma cidade triste. Preferia viver em Paris. Nuno, pelo contrario, gostava mais de Londres. A vida animada das ruas de Paris entristecia-o.

— E' extraordinario! — exclamou Isabel.

— Eu comprehendendo isso — disse do lado Valentina E, suspendendo a agulha no ar, foi seguindo a conversa durante alguns instantes.

(Continua)

Alberto Braga.

## RESENHA NOTICIOSA

EXPOSIÇÃO LUPÍ. — O desaparecimento subito d'este notavel artista, de quem tratamos nos numeros 153, 154 e 155 do corrente anno, fez nascer entre um grupo de artistas e amigos dedicados, a generosa idéa da organisação de uma exposiçáo das suas obras, para o publico poder avaliar a perda que a arte nacional soffrera. Não se fez esperar muito a realisacáo d'esta homenagem á memoria de um artista sympathico, e no dia 15 do corrente devia ser o encerramento. Dos numerosos trabalhos alli expostos podia-se surprehender o artista em toda a sua vida, e em todo o processo de cada uma das suas obras ou creações, desde o primeiro esboço até ao toque ou retoque derradeiro. Alli tiveram occasião de ver a sua obra final, o ultimo pensamento da sua alma que o occupou durante os ultimos annos, O MARQUEZ DE POMBAL examinando o projecto da reedificacáo de Lisboa. Com quanto secco o assumpto do quadro, e falto da poesia que anima por metade as obras de arte, a concepção é vigorosa e ha pormenores perfeitamente concebidos e acabados; pondo de parte as decorações, a cabeça de Manoel da Maia, parece-nos bem inspirada, com quanto não tenha muita semilhança com os retratos conhecidos do celebre engenheiro.

BANQUETE AO ACTOR IRVING. — No dia 4 do corrente foi dado em Londres um banquete de despedida ao grande actor Henry Irving, em St. James's Hall. Irving ia partir para os Estados Unidos. Os convivas dispostos em dez mezas eram de 500 a 600, e estavam presentes as maiores notabilidades da Inglaterra na politica, nas armas nas artes, nas letras e nas sciencias. Presidiu o presidente do Tribunal de Justiça (*Lord chief Justice of England*) tendo á sua direita Irving. A sala estava adornada com profusão de flores e folhagens: a galeria era occupada por grande numero de damas da mais esplendida belleza. Não poderam assistir e enviaram cartas de escusa o Arcebispo de York, o bispo de Durham, considerado um dos maiores theologos da igreja ingleza, e o sr. Gladstone, presidente do conselho de ministros, que ha mais de dois annos não assiste a banquete algum á excepção dos do Lord Mayor, que como dizia, são pela maior parte de rigor. A chegada de miss Elena Terry, que tem tido parte nos triumphos de Irving foi festejada com prolongados applausos.

Pronunciaram-se varios discursos, sendo muito notavel o do Lord presidente, que acabando com uma phrase em latim, disse que a estropearia em inglez, em graça, de *uma ou duas* pessoas presentes que não entenderiam latim; o de Irving, notando-se que se pronunciaram contra as decorações aos actores, porque sendo todos irmãos, e concorrendo uns para o brilho dos outros, distinguir os segundos por aquelle modo, é offender os primeiros. Terminou por um pequeno discurso de agradecimento do presidente, aos convivas, congratulando-se com elles pelo prazer de haver tomado parte em um festejo em honra de um homem como Irving.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA—Ernesto Chardron, editor. É o n.º 6 do 4.º anno e alem de alguns catalogos de publicações de varios generos tem artigos sobre os *Esboços do natural*, de Julio Lourenço Pinto; *A cidade do Vicio* de Fialho d'Almeida, *Musa velha* de Francisco Palha, *A Brasileira de Praçins* de Camillo Castello Branco, *Meditações para todos os dias do anno*, por M. Hamon. *O corpo humano*, por A. Le Pileur, traducção de José Nicolau Raposo Botelho, etc.

LES MATINÉES ESPAGNOLES n.º 20 e 21 de 25 de junho e 1.º de julho, comprehende *Affaires extérieures, courrier de Paris d'Amsterdam e des eaux*, *Les bains d'Espagne*, *Panticosa*, *Don Annio Canovas del Castillo (esquisse)* *L'art et les expositions de Paris*, *Le parlement, espagnol*, *Une matinée dans l'atelier de Robert Lefebvre*, *La Chine a vol d'oiseau*, *Bibliographie*, *Les tablettes de Isabelle*, *poesias Faute de se comprendre*, poesia, e a continuação das traducções do *Gracaleoto d'Echegaray* e do *Primo Basilio d'Eça* de Queiroz.

HISTORIA UNIVERSAL, original do dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfim d'Almeida, *Empresa Litteraria de Lisboa*, editora, Lisboa. Fasciculos 36 a 40 e 4 estampas, *Kossuth*, *Revolução em Paris*. — *A queda da realeza de julho*, *Barão de Humboldt*, *Funeral de D. Maria II*. Estes fasciculos pertencem ao 5.º vol. que está a concluir, faltando só um volume para o completo d'esta importante obra.

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA, 6.º vol. por Pinheiro Chagas, edição da *Empresa Litteraria de Lisboa*. Fasciculo Z A com uma estampa. *Suicidio do prezo politico Caldeira*, na torre de S. Julião. Está prestes a concluir esta historia, que é a unica que ha illustrada com quadros historicos.

MEMORIA BIOGRAPHICA DO CORONEL FRANCISCO BERNARDO DA COSTA E ALMEIDA, tenente rei da praça d'Almeida em 1810, por João da Silva Mendes, mandada publicar pela viuva e filha do auctor (sic) revista e acrescentada com um appendice por Antonio Ribeiro da Costa e Almeida. Porto. *Typographia de Antonio José da Silva Teixeira*, rua da Cancellaria Velha 62. — 1883. — 8.º francez de xxxiii — 300 paginas. — Esta publicação é uma reivindicação assaz tardia da memoria do tenente rei da praça de Almeida em 1810, que depois de mais de trinta annos de serviço á patria, foi madado fuzilar, por traidor, por esse tyrannete inglez que se chamou Beresford, para talvez salvaguardar com essa execução o nome do general Cox, pouco perito governador d'ella. Concordamos e accetamos tudo quanto vem á luz que sirva a demonstrar a *philantropia* e *justo proceder* dos nossos *fieis aliados*. É pena que esta obra não tivesse apparecido vinte annos antes; teria de certo concorrido para diminuir o numero dos *anglophilos*, e evitaria certas insinuações de exaggerada politica, mais bem cabidas em jornaes e pamphletos, do que em um trabalho serio, que se destina á reivindicação de uma memoria sobre que pesam setenta annos de ignominia; onde é precisa toda a sizudez e placidez possivel para não offender opinião alguma. Salvo este pequeno reparo, estimamos e apreciamos, como devemos, a reparação do nome de um portuguez que julgamos honrado e victima da prepotencia e orgulho britannico.

QUESTÃO DA SEBENTA, IX Camillo Castello Branco, *Carga terceira, tréplica ao padre*, Porto, na *Livraria de Ernesto Chardron*, 1883, folheto de 20 paginas. O titulo indica o contheudo, que é responder a outro folheto, que não vimos, intitulado a *Replica do sr. Camillo Castello Branco*, por José Maria Rodrigues.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira. Está publicado o fasciculo 14.º Conclue-se a materia do antecedente, trata-se n'elle da *chancellaria*, com algumas noticias curiosas, da *mealharia*, imposição que a camara recebia pelo aluguer de terreno para a venda de generos a granel ou em

illustre professor que se insinuava vibrantemente no espirito dos seus ouvintes, pôde estudar reflectidamente agora n'estes nitidos fasciculos a serie dos acontecimentos que elle desdobrava deante de nós com uma verbosidade sempre ininterrompida, sempre interessante, sempre attraente.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL. Redacção João Carlos Adrião, Augusto de Castilho, João Antonio de Brissac das Neves Ferreira, João Maria Galhardo, Julio Diniz Sampaio, n.º 5 de 1883. Comprehende: *Os satelites do planeta Marte*, continuação; *sempre sacco e mochila?* estudo consciencioso relativo á accommodação da roupa do marinheiro; *A nossa marinha e a sua urgente reforma*, succinto e rapido esboço da nossa marinha de guerra, e da necessidade de reforma e melhoramentos na sua organização, retribuições e serviços. Chronica e etc.

O ELEGANTE, *Jornal de Modas para homens senhoras e creanças*, dedicado particularmente aos alfayates, etc. David Corazzi, editor, Lisboa. N.º 1 do corrente mez, com 8 pag. em 4.º grande, um figurino colorido para homem e folhas de moldes. Este periodico publica-se mensalmente, e vem satisfazer a uma necessidade já de ha muito notada. Com esta publicação tem muito a lucrar não só a maioria dos nossos alfayates e costureiras, mas ainda as familias.

A MODA, publicação trimestral illustrada com figurinos em phototipia e offerecida aos consumidores e revendedores da Real e Imperial chapellaria a vapor de Costa Braga & Filhos etc., Porto. Anno II n.º 3, verão de 1883, com uma phototipia representando 19 modelos de chapéus proprios para a estação.

SCIENCIA PARA TODOS, revista semanal illustrada, redactor, Francisco d'Almeida, Lisboa. N.º 53 e 54 pertencentes ao segundo anno d'este importante semanario, dirigido com muita inteligencia pelo sr. Francisco d'Almeida, e que nos apparece consideravelmente melhorado no seu aspecto material, no segundo vol, de que enceta a publicação.

GRAND RABAIS — *Catalogo de alguns livros que se vendem com vantajosos abatimentos na livraria de Ernesto Chardron*. Porto — *Livraria de Ernesto Chardron* — 1883. Este catalogo, comprehendendo já quatro fasciculos contem grande collecção de volumes de litteratura, geographia, viagens, philosophia, historia, sciencias, tecnologia, bellas-arts, agricultura, a collecção designada *British-authors* etc. os

preços da redução são muito commodos e ha obras de que apenas existe um exemplar. O sr. Ernesto Chardron presta um bom serviço com esta redução.

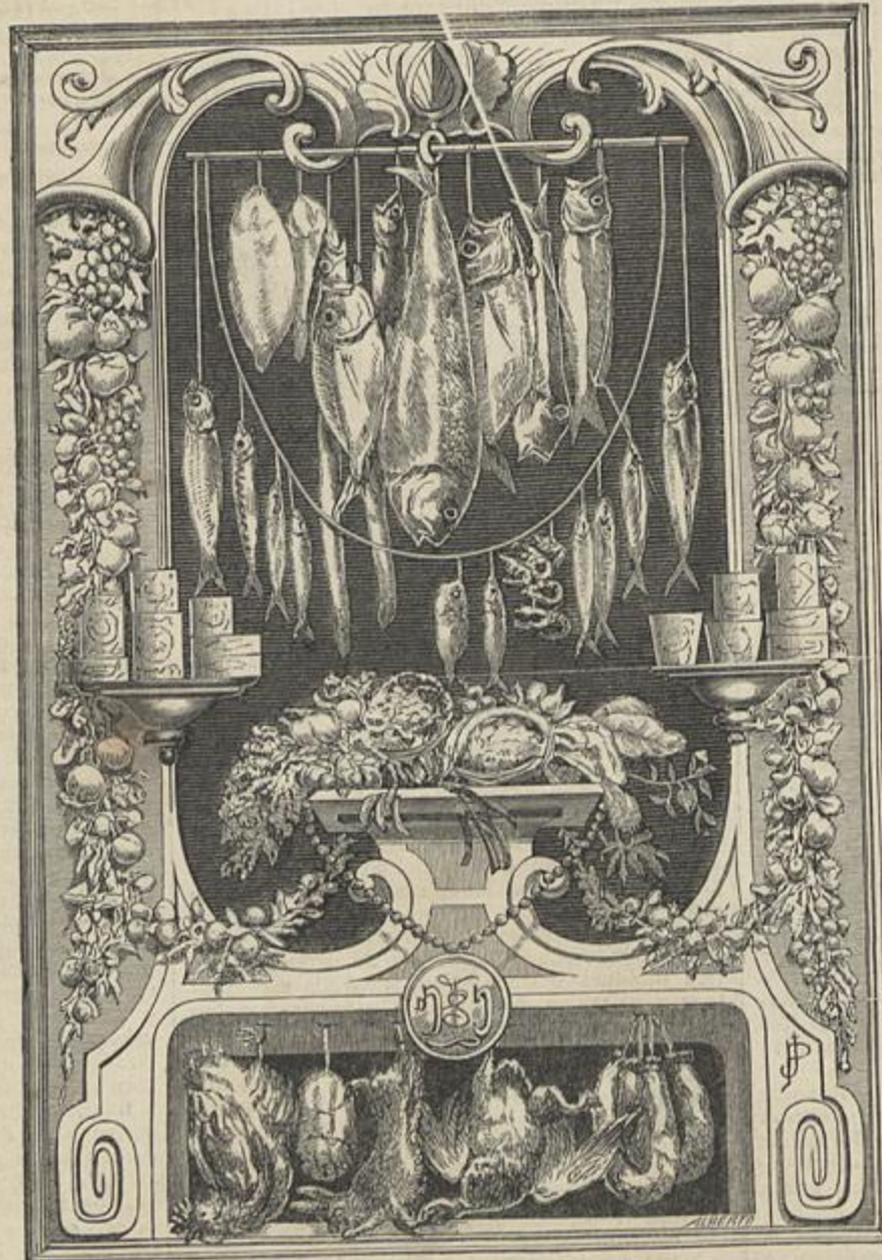
## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:  
Ouro é o que ouro valle.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6



TABOLETA DA FABRICA DE CONSERVAS DE COSTA LINO & C.ª — Pintada por Pereira Junior  
(Desenho do mesmo auctor)

gigas, celhas, rodellas, bancos etc. tanto nas praças publicas, como nas proximidades dos mercados permanentes e posteriormente dentro d'esses mercados, e começa-se com a *almotaçaria* rendimento proveniente das multas impostas por infracção das posturas estabelecidas para a policia e governo economico da cidade e seu termo com excepção das coimas.

As noticias sobre todos estes assumptos, onde se transcrevem trechos de documentos importantes, mantem o interesse d'esta curiosa publicação.

AS GRANDES EPOCAS DA HISTORIA UNIVERSAL, por Z. Consiglier Pedroso, lente de historia universal no curso superior de Letras... Porto *Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos* — editor, rua de Santo Ildefonso, 8 e 10; fasciculos n.º 2 e 3 comprehendendo o acabamento da 2.ª conferencia e as 3.ª, 4.ª e 5.ª pronunciadas pelo illustrado professor na sala da *Associação dos Jornalistas e escriptores portuguezes*, chegando já á historia dos Assyrios e Babilonios. Quem não teve a fortuna de ouvir a palavra fluente, a phrase colorida e animada do